

NEOFASCISMO E DESINFORMAÇÃO: AS ENTRELINHAS DOS DISCURSOS SOBRE A PANDEMIA NO BRASIL

Lucas de Araújo Rocha Carvalho¹

No contexto da desinformação, o recorte da pandemia de Covid-19 no Brasil se apresenta como campo amostral sintomático de diversas construções discursivas do conservadorismo brasileiro, sendo possível quantificar uma massiva polissemia pertencente à nova direita no Brasil e seus enunciadores. Desse modo, a partir da Análise de Discurso de Pêcheux, o campo dos dizeres chama atenção aos mecanismos de manutenção desses discursos como uma forma de compreender a guinada neofascista de violência e cerceamento de direitos na última década do país.

Assim sendo, o presente trabalho² pretende explorar de que maneira as unidades desinformativas espalhadas durante a pandemia se moldam em sua historicidade, tendo em vista cadeias parafrásticas que deslizaram de sentido dentro da história do país e as relações de poder intrínsecas ao seu espalhamento.

Do ponto de vista da propaganda, com base no corpus de análise desenvolvido por Carvalho (2022), é possível observar as condições de produção comuns entre imagens, textos, vídeos e links, uma vez que mais de 92,6% do material (em um universo de 1.154 unidades no corpus citado) guardam filiação de sentido com proposições do universo simbólico conservador e são reproduzidas por disparadores estratégicos, ligados a narrativas de conspirações internacionais, abasileiradas de maneira oportuna – que serão destacadas adiante.

Esse banco de dados resgata materialidades desinformativas heterogêneas compartilhadas on-line, entre janeiro de 2020 e dezembro de 2021, checadas como falsas pelos principais serviços de checagem de fatos em operação no Brasil, selecionadas e catalogadas com base nas construções de sentido sobre a pandemia no país, os objetos sobre os quais dirigem e seus mecanismos discursivos.

A permanência de certas representações e a constância dos agentes espalhadores demonstrada no episódio discursivo do coronavírus justifica o gesto de leitura, interpelando a pandemia no âmbito do discurso e da ideologia como forma de observar os discursos fundadores dessas peças como neofascistas e ultraconservadores. Para tanto, vale a pena expor um pouco do que é esse lugar ideológico e de sua relação dentro da política brasileira.

Para Matos (2021), as políticas de saúde do governo Federal na emergência sanitária da Covid-19 guardam semelhanças com o fascismo italiano, fazendo um paralelo com o *Tratado di medicina Sociale*, de 1938: “legitimidade da pobreza, negação da ciência, apelo a religiosidade, controle dos corpos e da

¹ Graduado em Jornalismo pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). E-mail: lucas.carvalho@ichca.ufal.br.

² Trabalho orientado pela Prof.^a Dr.^a Mércia Sylvianne Rodrigues Pimentel. E-mail: mercia.pimentel@ichca.ufal.br.

sexualidade e a eliminação do diferente” (Matos, 2021, p.30). O autor estabelece esse paralelo após levantar indagações do que é o neofascismo e se Bolsonaro seria ou não um representante neofascista³.

Em *Como funciona o fascismo: a política do ‘nós’ e ‘eles’*, Stanley (2019) enumera ainda outras características pertinentes desse universo simbólico: a busca por um passado mítico, anti-intelectualismo, irreabilidade conspiratória, desejo por hierarquia, vitimização, apelo legalista, ansiedade sexual em suas formulações, ódio ao pluralismo, e, o principal nesta análise, a força da propaganda.

Os apontamentos de Stanley (2019) dialogam diretamente com os registros etnográficos de Teitelbaum (2020) sobre a ascensão das direitas mundiais. As relações parafrásticas entre esses episódios políticos e os ideais nazifascistas da Europa do século XX se encontram expressos tanto nas entrevistas de *Guerra pela Eternidade* (2020) como nos paralelos que *Como funciona o fascismo* (2019) estabelece.

Portanto, observando os ideais esotéricos do “Tradicionalismo” francês – importados pelo fascismo italiano e reproduzidos quase integralmente pela extrema-direita contemporânea (Teitelbaum, 2020) – a historicidade das peças desinformativas observadas passa por períodos específicos em que o país esteve inserido no contexto dessa massiva propaganda de direita.

Com registros em 1798, a elite e a imprensa do Brasil já posicionavam qualquer “oposição ao sistema” dentro do “fantasma” do comunismo. A partir da revisão historiográfica de Silva (2000) vê-se que toda e qualquer mobilização pelos direitos humanos ou articulação contrária aos interesses da elite do país já era projetada discursivamente com efeitos de sentido de pertencimento ao “Perigo vermelho”, como por exemplo os movimentos abolicionistas. Esse mecanismo discursivo aponta para uma constante desarticulação dos movimentos sociais e da luta por direitos, independentemente de qualquer relação direta ou indireta desses movimentos com ideias de fato comunistas.

Os sentidos de “tradição”, “conservadorismo” e “Harmonia social” se fazem presentes em grandes jornais na história do país, e articulações das elites e da igreja com dizeres que sustentavam o “medo” do comunismo são apontadas por diversos historiadores citados pelo autor, com destaque ao ano de 1935 como um marco histórico, com a Lei de Segurança Nacional e as ações da Aliança Nacional Libertadora (ANL) materializando o forjado “fantasma do comunismo” no imaginário popular. Mesmo assim, antes desse marco, nas décadas de 20 e 30, dizeres fundantes do discurso totalitário de direita no país, sustados nos efeitos de ódio às articulações sociais e aos movimentos operários, já eram presentes na política e na imprensa.

Tanto o golpe Vargasista de 1937, como o golpe militar de 1964, justificam-se num grande apoio popular de determinadas alas da sociedade, baseados numa constante disseminação de dizeres que sustentam o “medo” e um estado de “alerta constante” contra o fantasma vermelho. Nesse contexto, o golpe

³ “A introdução do prefixo neo não visa a relativizar ou dizer que se trata de um fascismo brando, mas sim precisar que não é o mesmo fascismo do século passado, mas que se reatualiza (donde a identificação de suas principais características é fundamental) num contexto de avanço do neoliberalismo. Na atualidade, a propositura de um projeto fascista se dá num contexto ultra neoliberal (que, naturalmente, se alimenta e aprofunda o neoliberalismo)” (Matos, 2021, p. 29).

de 2016 e a ascensão de Bolsonaro em 2018, além do tom assumido pelo governo sobre a pandemia, também se encaixam nessa mesma continuidade.

Essas proposições deslizam de sentido sem perder a relação parafrástica com grupos da extrema direita internacional, com um bombardeio de narrativas. O “Fantasma vermelho” adquire, assim, uma nova roupagem a partir dos dizeres da extrema-direita contemporânea, mergulhados em um caráter “Tradicionalista” enquanto filosofia e espiritualidade (pela articulação de sujeitos apossados de uma narrativa pseudorreligiosa) (Teitelbaum, 2020).

Nesse sentido, surge a ideia do “Bolchevismo cultural”, que migra para um deslizamento moderno na ficção do “Marxismo cultural”, largamente usado pela nova direita do Brasil, em especial no governo de Jair Bolsonaro e por figuras como Olavo de Carvalho, tido como guru e filósofo pela extrema-direita. Como aponta Pinheiro Neto (2021), o termo, cunhado diretamente por Adolf Hitler e seus correligionários, servia não apenas como um termo “guarda-chuva” onde diversas questões eram arbitrariamente etiquetadas como bolchevismo (ou comunismo), mas, sustentava, no sentido do termo “cultural”, a ideia de uma guerra cultural, justificando o afastamento de todos os inimigos políticos, em especial dos judeus, de espaços de cultura e ensino.

Com essa justificativa, o nazismo perseguia professores, esquerdistas e intelectuais na Alemanha, com destaque para aqueles vinculados à Escola de Frankfurt, que, por sua orientação marxista e consequentes perseguições, deixou a Alemanha em 1933 [...] (Pinheiro Neto, 2021, p. 54).

Tendo em mente a historicidade desse termo e sua aplicação no discurso neofascista, episódios distintos se inserem numa mesma rede de violência física e simbólica. Tanto seu uso nas declarações do governo Bolsonaro, através do Ministério da Educação em 2019, como o uso dessa mesma justificativa no ataque terrorista de Anders Behring Breivik em 2011 – norueguês autointitulado cristão, de direita, conservador e defensor do estado de Israel – que vitimou 77 pessoas (Pinheiro Neto, 2021), se tornam acontecimentos que dialogam e precisam ser observados pela lente da propaganda neofascista.

Essa propaganda toma forma ainda em movimentos de revisionismo histórico e cadeias de palestras e redes de estudo de cunho conservador. Há, por exemplo, o envolvimento de editoras neofascistas no espalhamento de livros e materiais gráficos, palestras de Steve Bannon (marqueteiro de Donald Trump) e Alexandr Dugin (filósofo russo da extrema-direita) pelo mundo, além das palestras de Olavo de Carvalho ou seus alunos pelo Brasil, junto a sua “Escola de Filosofia” (Teitelbaum, 2020).

Há ainda a atuação de produtoras, como a empresa “Brasil Paralelo”, que disseminam produções audiovisuais de cunho revisionista. Esses movimentos pregam uma revisitação de episódios históricos a partir do prisma ideológico do Conservadorismo Tradicionalista de Direita, sendo agentes da tal “guerra cultural” pelo lado conservador, em prol da “verdade de fato” (Bonsanto, 2017).

Na pandemia, a empresa foi responsável pelo disparamento de material desinformativo, sendo citada como parte de um “Núcleo de produção e disseminação” de fake news no relatório final da Comissão

Parlamentar de Inquérito (CPI) que investigou a atuação do governo federal na pandemia, junto de outras páginas na internet e perfis nas redes sociais (Ghirotto, 2022).

A linha do tempo exposta, desde o perigo do “fantasma vermelho” ao revisionismo contemporâneo, converge no cenário da Infodemia (Infodemic, [s.d.]), tendo o Anticomunismo no Brasil, e o seu deslizamento “Tradicionalista”, como aparentes discursos fundadores. Recortando algumas sequências desinformativas selecionadas do corpus de análise, tem-se ilustrações da narrativa que se sustenta:

SD 1 - “CoronaVac pode alterar código genético e ‘causar homossexualismo’” (Menezes, 2020c).

SD 2 - “Presidente chinês diz que pandemia é início de nova era para o socialismo” (Menezes, 2020a).

SD 3 - “Vacina do coronavírus terá microchip para rastrear a população” (Vacina..., 2020).

SD 4 - “Dória grafita símbolo comunista em muro” (Menezes, 2020b).

Enquanto a SD 1 dialoga com as características do fascismo expostas anteriormente, especificamente o componente da “ansiedade sexual” e a “anticiência” em seus efeitos de sentido, a SD 3 apela para o componente da irrealidade conspiratória e da vitimização, com um dizer que evoca medo de um suposto projeto chinês de dominação mundial. Enunciado sobre uma “possível” implantação de microchips já circulavam antes mesmo da pandemia, sendo reproduzidos por Steve Bannon, marqueteiro de Donald Trump (Teitelbaum, 2020).

A última SD (4) ilustra a relação irreal e arbitrária proposta pelo enunciado que relaciona o prefeito de São Paulo à época, João Dória, como figura comunista e subversiva, a partir de uma montagem sem qualquer vínculo com a realidade factual. Dessa maneira, com enunciados mais ou menos irrealistas, diversos inimigos políticos foram de alguma maneira relacionados ao universo irreal do “perigo comunista”.

Figura 1



Fonte: Jornal A Offensiva (1935)

Figura 2



Fonte: Portal Padre Paulo Ricardo.org (2022)

Figura 3



Fonte: Agência Aos Fatos (2020)

Já nas figuras, é possível ilustrar uma linha do tempo imagética com enunciados do universo anticomunista brasileiro que culminam nos dizeres desinformativos sobre a pandemia. As fontes são heterogêneas, em dois espaços de ressonância da discursividade de direita no país: o jornal “A Offensiva”, periódico do movimento Integralista Brasileiro (1935) e o portal PadrePauloRicardo.org (2022), em convergência com uma das materialidades retiradas do corpus de análise, em Carvalho (2022).

As Figuras 1 e 2 estabelecem um paralelo parafrástico de 85 anos, reproduzindo uma construção bastante semelhante na formatação das informações visuais. O semblante das personagens (na primeira o diabo, na segunda Karl Marx) guardam um olhar tornado mefistofélico pelo seu contexto visual. A primeira sugere o sentido de origem diabólica a um “guarda-chuva” de conceitos. “Comunismo”, “Anarquismo” e “Liberal democracia” são postos juntos, associando-os a uma maquinação maldita.

Já a segunda sugere essa associação (entre o marxismo, a esquerda, e o diabo) em seu título, questionando uma possível relação entre os chamados “Pai do comunismo” e o “Pai da mentira”. Imagetivamente, figuras se sobrepõem causando efeito de sentido semelhante à Figura 1. Esta imagem é uma chamada publicitária no portal do sacerdote católico brasileiro Paulo Ricardo, que produz conteúdo

reviscionista e já realizou lives com Olavo de Carvalho. Ele é apontado como um dos apropriadores do conceito do “marxismo cultural” no Brasil (Silva; Sumagosto; Araujo, 2021).

Por fim, a figura três, reproduzida durante a pandemia, xinga políticos em letras capitulares vermelhas, forçosamente associando agentes de pesquisa ao ex-prefeito de São Paulo, paralelo à uma caricatura do atual presidente Lula com uma bandeira comunista e um livro na mão. A imagem, repleta de associações falsas sobrepostas, evoca efeitos de reatividade e violência simbólica aos políticos referenciados sustentando as relações prévias estabelecidas dentro dessa rede parafrástica. Os políticos que combatem a pandemia, dessa forma, são todos “vermelhos”. Os agentes e instituições de saúde também.

Com esse gesto de leitura é possível ver, nas oportunidades surgidas com o Coronavírus, as reproduções do interdiscurso conservador do país e o arremate disso como estratégia de comunicação neofacista. A breve exposição feita aqui não pretende esgotar o tema, mas participar das mobilizações contra o avanço do fascismo no país e colaborar com a produção científica sobre o tema no âmbito da comunicação e da língua.

Dessa forma, mobilizam-se forças contra as deformações desse momento histórico na memória social, atravessando o episódio pandêmico no lugar do discurso para apontar a perpetuação dessas distorções históricas por meio de uma ostensiva máquina de desinformação.

Essas unidades discursivas materializam prejuízos à democracia e privam os sujeitos de uma visão crítica da realidade social e particular. É necessário, portanto, acontecimentalizar (Gregolin, 2011) a atuação desses sujeitos durante a pandemia como parte do mecanismo de permanência das representações da extrema-direita no imaginário do país, com ações que vitimaram diretamente 708.999 brasileiros e levaram ao poder figuras que operam até hoje na política do país pelo desmonte das instituições e destruição de direitos adquiridos.

REFERÊNCIAS

- BARROCO, M. L. DA S. Direitos humanos, neoconservadorismo e neofascismo no Brasil contemporâneo. **Serviço Social & Sociedade**, n. 143, p. 12-21, 2022.
- BONSANTO, A. Narrativas “historiográfico-midiáticas” na era da pós-verdade: Brasil Paralelo e o revisionismo histórico para além das fake news. **Liinc em Revista**, [S. l.], v. 17, n. 1, p. e5631, 2021. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/5631>. Acesso em: 15 nov. 2022.
- CARVALHO, L. A. R. **A “farsa” da pandemia**: uma análise do discurso desinformativo sobre o coronavírus no Brasil. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Jornalismo) - Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2022.
- MATOS, M. C. O neofascismo da política de saúde de Bolsonaro em tempos perigosos da pandemia da COVID-19. **Humanidades & Inovação**, v. 8, n. 35, p. 25-35, 2021.
- GHIROTTI, E. Produtora bolsonarista usou R\$ 9 mi para impulsionar posts no Facebook. **Metrópoles**, 2022. Disponível em: <https://www.metropoles.com/colunas/guilherme-amado/produtora-bolsonarista-usou-rs-9-mi-para-impulsionar-posts-no-facebook>. Acesso em: 15 nov. 2022



GREGOLIN, M. Análise do discurso e semiologia: enfrentando discursividades contemporâneas. *In*: SARGENTINI *et al.* (org). **Discurso, semiologia e história**. São Carlos: [s. d.], 2011. p.83-106.

INFODEMIC. Disponível em: <https://www.who.int/health-topics/infodemic>. Acesso em: 15 nov. 2022.

MARIANI, B.; DELA-SILVA, S. Discurso político: processos de significação em tempos de fake news – Uma entrevista com Freda Indursky. **Caderno de Letras UFF**, Niterói, v. 30, n. 59, p. 13-31, jul./dez. 2019.

MENEZES, L. F. **É falso que CoronaVac pode alterar código genético e ‘causar homossexualismo’**. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/e-falso-que-coronavac-pode-alterar-codigo-genetico-e-causar-homossexualismo/>. Acesso em: 20 jan. 2024.

MENEZES, L. F. **É montagem foto de Doria grafitando símbolo comunista em muro**. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/e-montagem-foto-de-doria-grafitando-simbolo-comunista-em-muro/>. Acesso em: 20 jan. 2024.

MENEZES, L. F. **Presidente chinês não disse que pandemia é início de nova era para o socialismo**. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/presidente-chines-nao-disse-que-pandemia-e-inicio-de-nova-era-para-o-socialismo/>. Acesso em: 20 jan. 2024.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Orlandi *et al.* 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

PINHEIRO NETO, O. **Fanatismo & manipulação**: o esquema da nova colonização do Brasil. 2. ed. Campinas, Sp: Pontes Editores, 2019.

SILVA, W. T.; SUGAMOSTO, A.; ARAUJO, U. I. O Marxismo Cultural no Brasil: origens e desdobramentos de uma teoria conservadora. **Cult. relig.**, Iquique, v. 15, n. 1, p. 180-222, jun. 2021.

STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo**: a política do “nós” e “eles”. Porto Alegre: L&PM, 2019.

TEITELBAUM, B. R. **Guerra pela eternidade**: o retorno do tradicionalismo e a ascensão da direita populista. Campinas: Editora Unicamp, 2020.

VACINA do coronavírus não terá microchip para rastrear a população. Disponível em: <https://projetocomprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/vacina-do-coronavirus-nao-tera-microchip-para-rastrear-a-populacao/>. Acesso em: 20 jan. 2024.